

O espaço fabril e urbano em Volta Redonda-RJ (1974-1984): notas bibliográficas e caminhos para a articulação entre uma história social urbana e do trabalho.

Eduardo Ângelo da Silva *

Resumo: Este texto é baseado na investigação, em andamento, acerca da construção da intensa mobilização dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) na década de 1980, identificada dentro do âmbito do “novo sindicalismo” e marcada pela atuação conjunta dos movimentos operário e popular. A bibliografia acadêmica sobre os trabalhadores da cidade não avaliou de forma precisa como as mobilizações dos anos 80 tiveram início e apresentaram tal forma e intensidade, assim, recuamos nosso olhar para um período anterior, marcado pela vigência da ditadura militar e pela última grande expansão das instalações da CSN. Tendo como inspiração a historiografia social do trabalho, objetivamos apontar alguns caminhos e questões para a compreensão de como esta nova condição de classe, vivenciada nos bairros e na fábrica, relacionou-se à construção das lutas sociais nos anos 80.

Palavras-chave: História social do trabalho - Volta Redonda - Movimento operário e popular

Abstract: This text is based on ongoing research about the construction of the intense mobilization of workers of Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) in the 1980s, identified within the scope of the "new unionism" and marked by the joint action of the workers and popular movements. The academic bibliography about the city workers has not assessed accurately how the mobilizations of 80s have been started and presented such intensity and shape, so, backwards our eyes to a previous period, marked by the military dictatorship and the last major expansion of CSN facilities. Taking as inspiration the Social historiography of work, aim to point out some ways and issues to the understanding of how this new condition of class, lived in the neighborhoods and the factory, related to the construction of social struggles in the 80s.

Keywords: Social history of work – Volta Redonda – Workers` and popular movement

A experiência dos anos 80 e uma necessária questão

A greve dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) realizada em novembro de 1988 na cidade de Volta Redonda, sem dúvida, é um importante marco das lutas empreendidas pelos trabalhadores localmente e nacionalmente no contexto do processo de redemocratização. 1988 marca a história política do país como o ano da promulgação de uma nova Constituição Federal, em 5 de outubro, a qual foi fruto das lutas empreendidas por mais de uma década que levaram à distensão do regime militar.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGH-UFRRJ). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Tendo como principais reivindicações a cobrança de reajustes salariais e a efetivação de uma conquista presente na Nova Constituição (o turno de 6 horas), além de pressionar por mudanças no perfil autoritário da gestão da empresa, esta greve se iniciou no dia 7 de novembro e em menos de 48 horas cerca de 2 mil soldados se posicionaram em torno da fábrica, ocupada por um grande número de trabalhadores. Na madrugada do dia nove estes operários permaneceram sob a mira dos canhões do Exército e neste mesmo dia uma operação militar de invasão à usina foi deflagrada. Três operários foram mortos e diversos outros feridos. Mesmo com tal intensidade da repressão, em assembléias realizadas dentro e fora da fábrica, os trabalhadores decidiram pela continuidade do movimento.

O período que vai do dia 10 ao término da greve, dia 23 de novembro, é marcado pelo enterro dos operários assassinados, por grandes passeatas até o cemitério, celebrações religiosas presididas pela ala progressista da Igreja Católica local e pelo engajamento de outras entidades em defesa dos trabalhadores. Durante este tempo de mobilização fora da fábrica as manifestações contavam com a participação de associações de moradores e da Frente Popular e Sindical de Volta Redonda, a qual unia os seguimentos organizados da cidade. A última assembléia ocorreu no dia 23 de novembro com a participação de 30 mil pessoas, entre operários e populares, e o fim da greve foi aprovado com a condição de que o Exército deixasse o interior da usina. As reivindicações foram parcialmente obtidas. Tendo o Exército deixado a CSN, os trabalhadores retornaram ao trabalho.

Em Volta Redonda, durante a década de 1980, a partir da vitória do grupo de oposição sindical da usina, em 1983, o sindicato se filiaria à Central Única dos Trabalhadores (CUT), ainda neste ano, e a empresa viveria uma série de greves. De 1984 a 1988 ocorreram 8 greves nesta usina, sendo que todas elas sofreram, em maior ou menor grau, intervenções militares¹. A participação popular nestes episódios foi sempre marcante. Na greve de 1984, por exemplo, primeira do ciclo mencionado, a usina foi ocupada por mais de 20 mil homens durante cinco dias e a alimentação foi providenciada pelas famílias que se concentravam em frente sua entrada principal, “mais parecia uma festa popular” (VEIGA e FONSECA, 1990: 54).

Assim como Santana, reconhecemos que a relação entre o sindicato local e demais movimentos se deve a diversos motivos e circunstâncias, tanto locais quanto nacionais, em “um momento de abertura política e de acirramento das reivindicações das organizações

¹ Nesse período, marcado pela atuação de uma nova diretoria, podemos identificar a ação do sindicato local dentro do âmbito do que se convencionou intitular como um “novo sindicalismo”. A própria criação da CUT, em 1983, e do PT (Partido dos Trabalhadores), em 1980, é considerada desdobramento desse movimento “autêntico” que buscava se livrar da tutela do Estado e buscava também a autonomia face aos partidos políticos. As ondas grevistas de 1978 e 1979 são apontadas como marcos de seu surgimento.

sindicais e populares” (SANTANA, 2006: 160). A partir desta constatação, fomos levados a refletir sobre a intensidade e a forma da ação conjunta presente nos acontecimentos dessa década e remetidos ao questionamento acerca de sua construção.

Propomos que, ao observarmos apenas a década acima descrita podemos incorrer no risco de naturalizar as formas de luta e com isso perder de vista como as pessoas integrantes destes movimentos identificaram-se com uma causa comum. Refletir sobre esta questão implica observar o processo de constituição das relações entre a esfera fabril e urbana na cidade, anterior ao momento descrito, assim como, a forma pela qual a “classe trabalhadora”, conceito que para nós comporta a idéia de trabalhadores operários e classes populares (como explicaremos adiante), vivenciou esses espaços em suas inter-relações.

Em Volta Redonda, isso significa observar, em especial, as grandes transformações pelas quais a cidade passou na década de 1970, as quais interferiram tanto no cotidiano fabril como na vida urbana e constituíram o caldo social por trás das lutas empreendidas no final dessa década e no decênio posterior. Contudo, após apresentarmos nossa questão, cabe ressaltarmos a percepção teórica que temos acerca deste processo.

Movimento popular e operário nos anos 70 e 80: uma questão teórica

“Atores sociais e intérpretes, no próprio calor da hora, se apercebem de que havia algo de novo emergindo na história social do país, cujo significado, no entanto, era difícil de ser imediatamente captado” (SADER: 1988, p.26). É desta forma que Eder Sader, em seu estudo sobre a experiência de luta dos trabalhadores da grande São Paulo na década de 70, referiu-se ao processo de nomeação do movimento que se iniciou com a irrupção grevista de 1978 e se manifestou na pluralidade de movimentos sociais e em uma luta operária nos moldes do que se convencionou intitular como “novo sindicalismo”.

Segundo Sader e Paoli (1986: 41-51) o problema da representação do “novo” processo estaria ligado à constituição do pensamento político brasileiro que até finais da década de 60, salvo algumas exceções, percebia a necessidade de homogeneização das classes populares mediante uma ação estatal para a formação de uma nação e a criação de um genuíno espaço público de participação. Este espaço seria tutelado, segundo as visões conservadoras, ou levaria necessariamente à proletarianização e formação de uma identidade social e política de classe, segundo a esquerda hegemônica pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) - possibilidade que para alguns intérpretes do processo de modernização, orquestrado pelo

Estado, parecia impossível devido aos constantes fluxos migratórios e permanente tendência à heterogeneidade dos trabalhadores, o que dificultaria os processos de identificação de classe.

Após a crítica dessas representações instituídas nos anos 60 e 70, seria nos anos 80 que se constituíam novas apreensões sobre a “nova configuração de classe” as quais levaram a outras concepções sobre os trabalhadores operários. Dessa forma, surgiram estudos que reforçavam a preocupação com a percepção da construção de um espaço autônomo de atuação política por parte dos trabalhadores, ao longo de sua história, assim como combatiam o determinismo econômico na concepção de classe social, segundo o qual, o lugar ocupado na estrutura social refletiria-se em um lugar ocupado numa superestrutura determinada (esfera política e cultural). A obra de Sader é um importante referencial dessa proposta.

Embora com marcante influência thompsoniana e mesmo acordando sobre a não determinação do aspecto simbólico e da ação de coletivos a partir de suas posições na estrutura produtiva, Sader prefere o termo “sujeito coletivo” ao tratar dos “novos” movimentos. Este termo é utilizado “no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas” (SADER, 1988: 55), definição que nos lembra as preocupações de Thompson (1987-1988) acerca da processualidade e do “fazer-se” da classe. Acreditamos que a opção feita pelo autor deve-se ao contexto de grande receio quanto ao uso determinista do conceito “classe”.

As preocupações de Sader à época, em grande medida, vão ao encontro da recente historiografia social do trabalho. Atualmente, percebemos um grande crescimento da historiografia brasileira preocupada com tema “cultura operária”. Porém, ao ressaltar a historicidade e especificidade das percepções culturais de classe, os autores dessa área apontam que este termo deve ser encarado mais como um campo de discussão que um conceito (BATALHA, SILVA e FORTES: 2004). Uma das reflexões teóricas que tem contribuído para os novos estudos são as preocupações de Savage (2004).

Savage indica uma “versão alternativa” da teoria das classes que pode superar a dificuldade de especificação de uma base estrutural precisa para as relações de classe. Para o autor, o traço distintivo da vida operária não se apóia exclusivamente no processo de trabalho, nem no mercado de trabalho, mas na insegurança estrutural vivida por todos os trabalhadores. Sem os meios de subsistência, os trabalhadores estão constrangidos a achar estratégias para lidar com a incerteza da vida cotidiana, derivada do seu estado de impossibilidade de reprodução autônoma. Este pressuposto ressalta que “é tão relevante olhar para as estratégias

de vida atualizadas nos bairros urbanos e nos lares quanto para o processo de trabalho em si mesmo” (SAVAGE, 2004: 33).

Acreditamos que as formulações de Savage abarcam os problemas teóricos colocados por Sader acerca da “nova configuração da classe trabalhadora” nos finais da década de 1970 e início dos anos 80 sem abdicar do conceito *classe social* ou *luta de classes* e com ênfase na questão espacial. Atentos para esta última questão e para sua relação com o processo de formação da classe em Volta Redonda, utilizaremos o termo “classe trabalhadora”, como conceito generalizante, porém não reducionista, capaz de apontar a integração e dispersão dos coletivos.

O urbano e o fabril em Volta redonda: historiografia, lacunas e caminhos

De maneira geral, podemos apontar que uma das principais questões acerca das relações entre a fábrica e o espaço urbano da cidade está relacionada à vinculação entre a CSN e os projetos do Estado brasileiro em diferentes contextos históricos. Devido a sua posição estratégica nos projetos de desenvolvimento e modernização econômica vislumbrados pelo Estado, desde o início de sua operação, em 1946, a CSN passou por períodos constantes de expansão da sua produção com importantes implicações no universo fabril e urbano. Acreditamos que esse compartilhamento maior de experiências da população da cidade pode ser exemplificado pelos processos de expansão da usina².

Os processos de expansão foram momentos em que o aumento dos fluxos migratórios trazia novos operários à fábrica (e às outras empresas envolvidas nas obras de expansão) e desempregados às ruas, assim como corroboravam para a consolidação da periferia urbana. Se nestes momentos os operários se defrontavam com toda uma gama de novos desafios devido à contenção de custos por parte da empresa (aumento do ritmo de trabalho, redução de salários, autoritarismo da gerência, etc.), a população periférica tinha sua condição também piorada devido ao desordenado crescimento urbano. Podemos citar como exemplo desta constatação o Plano de Expansão D, maior processo de expansão da CSN até a atualidade, com início em 1969 e término em 1985, esse plano teve grandes impactos sociais sobre a população da cidade. Em 1966, a cidade tinha 114.556 habitantes, já em 1985, 219.300 (SOUZA, 1992: 131), sendo que este crescimento demográfico tem relação direta com a migração vinculada

² A usina desde sua criação passou por diversos planos de expansão, os quais visaram o atendimento das políticas econômicas implantadas pelo Estado. Os planos de expansão da CSN, ao todo, foram cinco: A (1941-1947), B (1950-1956), C (1956-1963), Intermediário (1961-1968) e D (1969-1985). Neste último, o plano D, sua última e maior etapa, o plano de Estágio III, tem início em 1975 e término em 1984.

às obras de expansão. Embora as expansões sejam elementos presentes na bibliografia sobre a cidade, seus impactos são pouco explorados por ela.

Ao percorrermos a bibliografia acadêmica sobre a cidade de Volta Redonda, constatamos que, de forma geral, os estudos que tem como foco específico o *operariado fabril* concentram-se em três momentos distintos que neles, de maneira geral, pouco se conectam: 1) o processo de formação da classe operária em Volta Redonda³; 2) O ciclo de lutas da década de 80⁴ 3) O processo de privatização da usina⁵.

Ao contrário deste primeiro conjunto construído no âmbito da Sociologia, um segundo conjunto bibliográfico identificado, tem os anos 70 como objeto privilegiado de estudo, embora não se dedique à esfera fabril especificamente. As obras dele integrantes têm interesse no desenvolvimento do *conflito urbano* (na organização social do espaço da cidade) e na atuação da Igreja Católica progressista junto à população de Volta Redonda. A temática urbana é desenvolvida por estudos na área de Urbanismo⁶, e a segunda, relativa à atuação da Igreja, tem no campo da História seus principais formuladores⁷. Estes dois últimos temas se tornam indissociáveis devido às históricas relações entre o conflito urbano e a atuação da Igreja local.

Acerca da questão apresentada no primeiro seguimento deste ensaio, de forma geral, percebemos que os trabalhos sobre a década de 80, ao centrarem-se nas condições concretas do cotidiano fabril e na atuação do Sindicato, não avaliaram de forma precisa como as mobilizações se iniciaram e apresentaram tal intensidade naquele momento, não abordando as relações internas do coletivo de trabalhadores e sua relação com os demais movimentos sociais urbanos, ressaltando apenas suas ligações com um movimento mais amplo em nível nacional, o “novo sindicalismo”, que, de certa forma, explicaria as questões anteriores. Sendo assim, uma “nova” postura dos operários, combativa e mobilizante, teria “surgido” naquele instante, em oposição à “velha” atitude de aquiescência que caracterizaria os empregados de empresas estatais (MANGABEIRA, 1993: 191). Uma análise mais crítica acerca das ações da classe trabalhadora nos anos 80 não pode desconsiderar suas tradições e a contínua reelaboração da experiência destes em sua longa trajetória dentro e fora da fábrica.

³ Ressaltamos neste caso, as obras de Morel (1989) e Bedê (2007).

⁴ Mangabeira (1993). Graciolli (1997). Veiga e Fonseca (1990). Santana (2006). Pessanha e Morel (1991). Estas duas últimas obras são as únicas que destoam do conjunto. A primeira, procurando rastrear a constituição de diferentes gerações de trabalhadores ao longo da existência da fábrica até a década de 1980, e a segunda, abordando as relações entre os movimentos sociais em sua relação com o movimento sindical. Entretanto, as reflexões presentes em ambas têm caráter ensaístico.

⁵ Ressaltamos: Graciolli (2007) e Pereira (2007).

⁶ Entre eles, destacamos: Fontes e Lamarão (1986). Souza (1992). Lopes (2004).

⁷ Costa e Serbin (2001). Soares (2001).

Acreditamos que estas limitações são reverberações de uma conjuntura político-social específica⁸.

O principal marco destas análises foi a vitória do grupo de oposição sindical nas eleições para o Sindicato, em 1983, característica que levou a não-observação de diversos fatores como: a articulação dos coletivos de trabalhadores internamente à empresa; a forma como os movimentos populares se engajaram nas lutas operárias; a ação das instituições na organização dos movimentos (as organizações de esquerda e a Igreja progressista); o significado de outros importantes marcos das lutas sociais locais, como duas importantes greves realizadas em 1979, sendo uma dos trabalhadores da construção civil envolvidos no processo de expansão da fábrica (“peões”) e outra dos professores da rede estadual; ou mesmo, a forma como tem início a intensa agitação social no meio urbano a partir dos anos 70. Lacunas que nos levam a uma visão um tanto espontaneísta, como se a organização dos movimentos ou as identidades constituídas derivassem diretamente da piora das condições objetivas vividas naquele momento, sem a implicação de organizações políticas e do aspecto cultural dos trabalhadores.

Algumas das lacunas evidenciadas, devido às suas fortes ligações com as questões urbanas, como a intensa agitação nos anos 70 ou a Greve dos “peões”, iriam ser demonstradas por estudos na área do Urbanismo ou pelos estudos em História que tiveram como foco a ação da Igreja no contexto de redemocratização. A partir deles as conexões entre a experiência fabril e urbana dos trabalhadores tornam-se mais claras em algumas nuances e assim podemos melhor perceber como uma condição de “insegurança estrutural” foi compartilhada em ambos os espaços.

A complexidade da condição dos trabalhadores (operários da CSN ou não) a partir da década de 70 leva-nos a considerar como estas experiências foram elaboradas no plano identitário individual e coletivo, com a atuação de organizações políticas em um contexto histórico específico, de forma a possibilitar as ações da década de 1980. Tendo como foco esta preocupação, nossa pesquisa, em um primeiro momento, procura atentar para as

⁸ Santana (1999), ao analisar as relações entre as concepções de passado e presente na esquerda brasileira e seus projetos políticos e sindicais na luta pela hegemonia no contexto de conformação do “novo sindicalismo”, aponta que a construção de identidade do sindicalismo “combativo” e “autêntico” e as relações estabelecidas entre o movimento sindical e a academia levaram ao ofuscamento das práticas sindicais anteriores em ambas esferas. Tanto o período pré como pós-64 seriam vistos como marcados pela heteronomia do movimento operário e a nova época que se descortinava como um tempo de construção de autonomia no contexto de redemocratização. Salvo raras exceções, a academia reproduziria esta construção de memória. A bibliografia sobre Volta Redonda reflete os problemas desta visão, com a exceção de estudos recentes como o de Bedê (2007), Pereira (2007) e Santana (2006) e do artigo de Pessanha e Morel (1991) sobre gerações operárias.

condições objetivas presentes no contexto de crise econômica e pauperização da classe trabalhadora nos anos 70, de forma a confrontar estes dados com a percepção subjetiva dos trabalhadores (presentes em fontes orais e registros de época). Após isso, objetivamos entender o papel de instituições, no caso, a Igreja e o sindicalismo, e das organizações de esquerda na constituição de novas percepções do vivido frente à realidade de forte repressão social⁹. Por último, pretendemos perceber a forma como as percepções construídas pelos trabalhadores em processos de luta, em especial nas greves de 1979 e 1984, concebem as relações entre o espaço fabril e urbano.

Considerações finais

A partir do exposto, concluímos que o processo histórico vivido pela cidade de Volta Redonda constitui objeto de grandes possibilidades para pesquisas com interesse na articulação entre uma história social urbana e uma história social do trabalho. Este caso clássico pode contribuir para reflexões em torno de um grande desafio: como o espaço urbano se articula ao espaço fabril, ou seja, como uma fábrica e seus trabalhadores conformam o espaço social de uma cidade e como o espaço social desta cidade tem implicações no processo do fazer-se da classe. Se nossa pesquisa, por um lado, se propõe a contemplar este desafio, com as devidas limitações, por outro lado, tende a tencionar marcos cronológicos rígidos, como por exemplo, os criados a partir da construção discursiva do “novo sindicalismo”, os quais desconsideram a continuidade da experiência dos trabalhadores ao longo do tempo.

Bibliografia

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. Culturas de Classe. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli. Pedagogia do Mundo do Trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional. Doutorado em Educação. Niterói-RJ/UFF 2007.

COSTA, Célia Maria Leite; PANDOLFI, Dulce Chaves; SERBIN, Kenneth. O Bispo de Volta Redonda: memórias de Dom Waldyr Calheiros. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001.

FONTES, Ângela Maria M.; LAMARÃO, Sérgio Tadeu Niemeyer. *Volta Redonda: história de um cidade ou de uma usina?* In.: Revista Rio de Janeiro. Niterói: vol.1,n.4, set/dez 1986.

⁹ Mais uma vez utilizamos como inspiração a obra de Sader (1988). O autor identificou em seu estudo sobre os novos movimentos sociais da grande São Paulo três instituições em crise (a Igreja, a esquerda e o sindicalismo) que abriram espaço para novas elaborações neste período. Sua argumentação sobre o papel destas instituições no processo de construção identitária e discursiva destes movimentos encontra-se no capítulo “Matrizes discursivas” (1988, pp.141-195).

GRACIOLLI, Edílson José. Privatização da CSN: da luta de classes à parceria. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve em 1988. Uberlândia: EdUFU, 1997.

LOPES, Alberto. A aventura da forma: Urbanismo e utopia em Volta Redonda. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

PEREIRA, Sérgio Eduardo Martins. Sindicato e Privatização: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional. Tese de Doutorado. IFCS/UFRJ, 2007.

PESSANHA, E.; MOREL, R.. *Gerações operárias: rupturas e continuidades na experiência de metalúrgicos no Rio de Janeiro*. In.: Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.17,1991.

MANGABEIRA, Wilma. Os Dilemas do Novo Sindicalismo: Democracia e Política em Volta Redonda. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ANPOCS, 1993.

MOREL, Regina L. de M. A Ferro e Fogo: Construção e crise da família siderúrgica, o caso de Volta Redonda (1941-1968). São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1989.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____; PAOLI, Maria C. *Sobre “classes populares” no pensamento sociológico brasileiro*. In.: CARDOSO, R. (org.). A Aventura Antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SANTANA, Marco Aurélio. *Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro*. In.: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.14, n.41, 1999.

_____. *Trabalhadores e política no Sul Fluminense: a experiência de Volta Redonda nos anos 1980*. In.: RAMALHO, J. R. ;SANTANA, M. A.. Trabalho e desenvolvimento regional. Rio de Janeiro: Mauad: UFRJ – PPGSA; Brasília, CAPES, 2006.

SAVAGE, Mike. *Classe e História do Trabalho*. In.: BATALHA, SILVA e FORTES (2004).

SOARES, Paulo Célio. CEB's: A construção de uma nova maneira de ser Igreja (1967-1979). Dissertação de Mestrado. Universidade Severino Sombra, 2001.

SOUZA, C. V. C. de. Pelo espaço da cidade. Dissertação de Mestrado. IPPUR/UFRJ, 1992.

THOMPSON, E.P.. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1988, 3vols.

VEIGA, Sandra Mayrink; FONSECA, Isaque. Volta Redonda: entre aço e armas. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.